

AUSÊNCIA DO BRASILEIRO NO MERCADO FINANCEIRO

THE ABSENCE OF BRAZILIANS IN THE FINANCIAL MARKET

Marcos Vinicius Medeiros

Bacharel em Ciência da Computação pela Universidade São Judas Tadeu

Graduando em Tecnologia em Gestão Financeira Faculdade de Tecnologia de Osasco Prefeito Hirant Sanazar

Mirian Hanna Lima da Silva

Graduanda em Tecnologia em Gestão Financeira

Faculdade de Tecnologia de Osasco Prefeito Hirant Sanazar

Alef Sousa do Nascimento

Bacharel em Engenharia Civil Universidade Nove de Julho

Graduando em Tecnologia em Gestão Financeira Faculdade de Tecnologia de Osasco Prefeito Hirant Sanazar

Fernando de Almeida Santos

Professor do Mestrado Profissional em Ciências Contábeis. Controladoria e Finanças da PUC-SP

Professor da Faculdade de Tecnologia de Osasco Prefeito Hirant Sanazar

Resumo

Este artigo tem por objetivo identificar as possíveis razões para a ausência de investimento dos brasileiros no mercado financeiro e comparar, por meio de dados coletados, a relação existente entre investimento e endividamento. Para o desenvolvimento deste projeto foi aplicado um questionário online, a fim de analisar quais são as características dos entrevistados em relação às modalidades de investimentos e por quais motivos esses sujeitos não investem no mercado financeiro. Foram entrevistadas 380 pessoas que apresentaram o seguinte resultado, 75% dos participantes que possuem algum tipo de investimento disseram aplicar o seu capital na Caderneta de Poupança, um produto caracterizado pela baixa rentabilidade por ser vinculado a taxa Selic Over.

Outro dado relevante mostra que a inexistência de conhecimento no mercado financeiro é um fator determinante para os que não investem em nenhum produto. Ademais, as informações coletadas também demonstram uma porcentagem alta de endividamento, pois 70% dos entrevistados se declaram devedores. Considerando as expressivas situações aferidas, pode-se estabelecer que a deficiência de conhecimento em geral no mercado de capitais leva o brasileiro a não aplicar capital ou a investir inadequadamente, pois mesmo quando há destaque em um produto, este é de baixo retorno financeiro.

Palavras-chave: Mercado Financeiro. Poupança. Endividamento. Rentabilidade.

Abstract

This article aims to identify the possible reasons for the lack of investment of Brazilians in the financial market, and to compare, through data collected, the relationship between investment and indebtedness. For the development of this project, an online questionnaire was applied in order to analyze the characteristics of the interviewees in relation to the investment modalities and for what reasons these subjects do not invest in the financial market. According to the result obtained, 75% of the participants that have some type of investment said to apply their capital in the Savings Account, a product characterized by low profitability because it is linked to the Selic Over rate. Another relevant fact shows that the lack of knowledge in the financial market is a determining factor for those who do not invest in any product. In addition, the information collected also shows a high percentage of indebtedness, since 70% of the interviewees declare themselves indebted. Considering the significant situations of this study, we can establish that the lack of knowledge in the capital market generally leads the Brazilian to not apply capital or to invest inadequately, since even when there is a prominence in a product, this is of low financial return.

Key-Words: Financial Market. Saving Account. Indebted. Profitability.

1. Introdução

Este artigo aborda a ausência do ato de investir atualmente no mercado financeiro em relação ao aumento dos endividamentos na população brasileira.

Segundo a Brasil, Bolsa, Balcão – B3, os dados apresentados na pesquisa de junho de 2018, destacam que menos de 1% da população brasileira investe em ações. Conforme o levantamento, os investidores na Bolsa de Valores da região norte compõem apenas 0,62%, na região nordeste 5,35%, na região centro-oeste 3,12%, na região sudeste 78,03%, com destaque para o estado de São Paulo, que apresentou 47,38% desse percentual, e na região sul com 12,87%. (B3, 2018).

Referente ao endividamento e a inadimplência, o estudo realizado pela Pesquisa Nacional de Inadimplência do Consumidor realizada pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC, 2017), identificou nos indicadores de média anual o percentual de 60,8% das famílias endividadas, sendo 25,4% com dívidas em atraso. Ao comparar com o ano anterior, os dados eram de 60,2% de endividamento e 24,2% de contas obsoletas. O percentual apresentado no estudo aponta 10,2% às famílias que não possuíam condições de efetuar o pagamento das dívidas, tornando-se inadimplentes, aumento de 1,1% em relação a 2016.

Em relação ao endividamento, as principais causas ocorrem pela má administração financeira, compras demasiadas que podem ser pagas por meio do crediário ou cartão de crédito, pagamento rotativo, cheque especial, cheque pré-datado, empréstimo consignado, empréstimo pessoal, financiamentos, ausência de renda mensal devido ao desemprego, entre outros aspectos que interferem na poupança financeira. Portanto, as junções desses fatores podem desencadear a inadimplência. (STUMPF, 2019).

Conforme pesquisa da CNC (2017), as dívidas principais citadas pelas famílias brasileiras são por meio de cartão de crédito, com índice de 76,7%; crediário com 15,7%; empréstimo pessoal com 10,3%; financiamento de automóvel com 10,2% e financiamento residencial com 8,2%. Destaca-se, porém, que há, ainda, outros tipos de dívidas. .

É importante ressaltar que existe uma distinção entre os termos endividado e negativado. Ao atingir o status de endividado, significa que ocorreu a aquisição de uma

dívida, enquanto o status de negativado, significa que o nome do devedor está inscrito nos órgãos de proteção ao crédito e, portanto, impossibilitado de investir.

A educação financeira abrange diversos impactos, positivos ou negativos, congruente ao perfil das pessoas que adquiriram a autonomia de administrar o próprio capital perante as situações de crises econômicas já ocorridas e lidar com imprevistos financeiros é uma das estratégias para evitar eventuais frustrações e, principalmente, controlar o impulso de gastar sem ter condições de arcar com os prejuízos futuros.

Diante disso, a problematização utilizada na pesquisa consiste em: Por que as pessoas não investem no mercado financeiro e desconhecem os benefícios de investir?

Dessa forma, após desenvolver este estudo e analisar seus respectivos dados, busca-se contribuir para reflexão dos investidores, possibilitando ter dados para poupar e complementar a renda mensal do investidor.

A pesquisa, também, pode ser um meio viável para auxiliar no marketing das corretoras de investimentos que utilizam plataformas virtuais para o usuário efetuar o home broker.

2. Referencial teórico

Neste tópico apresenta-se o referencial teórico relacionados ao controle da renda obtida e as categorias mais abordadas sobre investimentos no mercado financeiro, com a finalidade de relacionar ao perfil de pessoas endividadas. À vista disso, são abordados os conceitos já descritos na literatura, a fim de destacar suas características sobre os assuntos citados.

2.1. Tipos de Investimentos no Mercado Financeiro Brasileiro

Kerr (2011) considera que os primeiros mercados surgiram antes da criação da moeda e sua formação foi consequência dos excedentes das produções, eram locais abertos onde mercadores levavam seus produtos para realizar o escambo, ou seja, a troca de mercadorias. Com o passar do tempo e devido às diversas dificuldades dessa modalidade a moeda foi elaborada e lastreada em metais preciosos e, posteriormente,

atrelado aos bens e serviços produzidos no país, onde apenas o Banco Central tem autorização de emití-la.

A partir de 1964, o governo brasileiro estruturou o Sistema Financeiro Nacional (SFN) e criou a sua fundamentação legal básica. A Lei da Reforma Bancária, Lei do Mercado de Capitais, Lei da Correção Monetária e a elaboração do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço são alguns exemplos de iniciativas que viabilizaram o desenvolvimento do Mercado Financeiro Brasileiro.

Fernandes (2018) afirma que essas medidas foram, de certo modo, benéficas à estruturação do mercado nacional, porém, gerou uma desestabilização profunda no sistema, causado pela hiperinflação nos anos 80. Somente após 1994, com a implantação do Plano Real, a economia se estabilizou e o Mercado Financeiro Brasileiro encontrou campo para se desenvolver.

Hoje, os mercados são extremamente tecnológicos e o objeto principal de troca é o próprio capital, ou seja, ocorre a conversão do dinheiro à vista por dinheiro a prazo, a fim de obter mais rendimentos. Essa troca é realizada por meio da utilização de produtos financeiros definidos em instrumentos jurídicos que especificam as condições de remuneração e de devolução do capital.

Conforme descrito, o capital é o principal recurso de troca no mercado financeiro, onde agentes superavitários emprestam dinheiro aos agentes deficitários, sendo estes definidos como famílias, empresas e governo, em ambos os lados, intermediados pelo SFN, sua estrutura é apresentada na figura 1.

Figura 1 – Formação do Sistema Financeiro Nacional



Fonte: BCB (2020)

Os investimentos, assim como nos mercados primitivos, são provenientes de um excedente do capital entre os agentes citados, essa poupança se aplicada no mercado financeiro gera rendimentos. Existem diversos produtos financeiros no mercado com a finalidade de remunerar os poupadores e são divididos em duas modalidades: Renda Fixa e Renda Variável.

A Renda Fixa representa investimentos em que as condições de rentabilidade e prazo de empréstimo são determinadas já no momento da aplicação. Nessa modalidade, o capital é emprestado para uma determinada entidade como bancos, empresas ou governo, em contrapartida, o investidor recebe uma remuneração atrelada à um indexador (DI, SELIC, IPCA). O valor emprestado é utilizado para financiar os projetos

daqueles que os tomam e/ou para serem emprestados aos outros agentes, de modo generalizado, às pessoas físicas, com os valores das taxas mais elevados comparado ao empréstimo inicial. Esses fatores já pré-determinados apresentam uma modalidade considerada de baixo risco, mas com retorno abaixo da Renda Variável. (CETIP, 2012).

Entretanto, em alguns casos, o mercado de crédito não consegue suprir as necessidades de financiamento dos agentes. Isso pode ocorrer, por exemplo, quando um determinado agente, em geral uma empresa, deseja um volume de recursos muito superior ao que uma instituição poderia, sozinha, emprestar. Além disso, pode acontecer de os custos dos empréstimos no mercado de crédito, em virtude dos riscos assumidos pelas instituições nas operações, serem demasiadamente altos, de forma a inviabilizar os investimentos pretendidos. Surgiu, portanto, o Mercado de Capitais (Renda Variável) ou Mercado de Valores Mobiliários.

Conforme a CVM (2019), a Renda Variável, mais conhecida pelas ações, são títulos emitidos por grandes empresas e instituições, pois visam efetuar a captação de recursos, os quais são utilizados em projetos com intuito de oferecer crescimento, desenvolvimento de novos produtos e/ou pagamento de contas. Nessa modalidade não é permitido estabelecer um percentual fixo de ganhos. Além das ações, há possibilidade de encontrar Contratos Futuros, Opções, ETF's, Commodities e Câmbio.

Segundo os dados disponibilizados pela ANBIMA, em dezembro de 2018, no relatório de informações consolidadas sobre as pessoas físicas do segmento de varejo bancário, o principal investimento utilizado pelos brasileiros é a Caderneta de Poupança, classificada como Renda Fixa que representa mais de 84% de contas registradas nos órgãos reguladores e quase 40% do capital investido no mercado financeiro. Essa modalidade, porém, é apontada por Ávila (2016) como um investimento de baixa rentabilidade, muitas vezes, menor que a rentabilidade da inflação, conforme estudo realizado por Ávila, a rentabilidade da poupança foi maior que a inflação 22 vezes e menor 21 vezes, entre janeiro de 2013 e julho de 2016.

A seguir, observa-se nas figuras 2 e 3 a distribuição dos principais investimentos em número de contas e valores investidos:

Figura 2 – Distribuição do número de contas



Fonte: Anbima (2019)

Figura 3 – Distribuição do volume financeiro



Fonte: Anbima (2019)

Essas informações somadas a pesquisa realizada pelos autores desse artigo apresentam a ausência de conhecimento e/ou insegurança nas demais modalidades de investimento, uma vez que, o investimento mais usufruído pela população brasileira possui baixa rentabilidade mensal.

Uma forma de modificar o planejamento financeiro é por meio da aplicação no Tesouro Direto, CDB e outras modalidades semelhantes, pois são produtos que apresentam o mesmo grau de risco comparados à poupança e contribuem com melhores rentabilidades.

2.3 Endividamento

O endividamento pessoal abrange dois conceitos apontados pelos autores, sendo eles a teoria do ciclo de vida, a qual busca expressar os indicadores do ato de consumir, ou seja, pressupõe o comportamento do próprio indivíduo em relação ao consumo, e da hipótese de renda permanente que realça o conceito de lucro vitalício ou rentabilidade obtida a longo prazo. Ambos são classificados como protótipo econômico e possuem como finalidade a compreensão da racionalidade humana, além da elevação financeira futura, segundo relata os estudos de Bonomo, Mainardes e Laurett (2017).

Além disso, há variáveis que podem exemplificar a aquisição de dívidas, como a quantidade de cartões de crédito adquiridas, contexto familiar, idade, entre outras questões, incluindo variáveis de macroeconomia, como taxas de juros, impostos e inflação. Os aspectos sociais, afetivos e cognitivos também participam dessa concepção pelo fato de influenciar no ato da compra, pois os motivos são outras variáveis, como atribuição de valores, atitudes ou sensações de coerção de reforço positivo, onde o marketing atua para atingir o público de diferentes gerações e modelos distintos de vidas sociais, a fim de entender as perspectivas esperadas pelos indivíduos para suprir suas modificações ideológicas referente a visão de consumo, que englobam a qualidade do produto ofertado, preço, marca, modelo, durabilidade e assim por diante, segundo Bonomo, Mainardes e Laurett (2017).

Todos estes fatores interferem na decisão da compra do consumidor, pois os perfis de cada geração divergem com o estilo de vida adquirido por cada pessoa, tornando-se pressuposta a evolução contínua da publicidade, anúncios, propagandas e/ou *merchandising* em pontos estratégicos para continuar atrativo e rentável em questões empresariais, o que pode gerar descontrole por parte de quem consome, pois este auxiliará na tomada de decisão com base nos conteúdos dispostos em diversos locais, incluindo a internet, onde poderá ser expostas as informações das quais o marketing aplicará com estratégias preestabelecidas e estudadas, conforme o esperado por grande parte do público alvo, conforme destaca Ladeira (2010).

Logo, visando o conteúdo apresentado, torna-se viável relacionar o endividamento com a área de mercado do marketing, pois ocorre a manipulação empresarial aplicada sobre o consumidor, modificando seu comportamento perante um produto, sendo este o propósito de sua rentabilidade lucrativa. O ciclo de inovação do produto, os métodos utilizados em anúncios ou propagandas televisivas visam cativar o público-alvo para atingi-los de modo estratégico e gerar capital por meio da tomada de decisão de comprar o produto oferecido. Além disso, a tendência de contrair dívidas por meio de empréstimos, financiamentos e/ou crediário para obter mais bens materiais torna-se alta devido a utilização frequente dos canais de mídias tradicionais e, principalmente, sociais.

2.3.2 Relação entre Dívidas e Poupança

A relação existente entre as dívidas adquiridas e o ato de aplicar o capital na poupança possui como finalidade a complementação do orçamento mensal das famílias. A coleta de dados apresentada pela Pesquisa de Risco e Intenção de Endividamento - PRIE destaca o índice de queda de 35,1% em setembro para 29,1% em outubro de 2018, referente as reservas financeiras dos endividados. (FEComércioSP, 2018).

Segundo os dados apresentados pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil, 2016), a motivação que existe por trás dessa relação entre ambas as situações, estar endividado e investir na Caderneta da Poupança, resultou no percentual de 69,5% dos brasileiros entrevistados que escolheram essa categoria estável. (SPC Brasil, 2016).

Por estar presente na modalidade de Renda Fixa, a poupança fornece mais segurança e menor risco aos poupadores, sendo que 56,1% das pessoas optaram por esse tipo de investimento devido aos motivos citados. Entretanto, apesar da facilidade de manusear o capital em curto prazo, a rentabilidade pré-fixada já atingiu o nível percentual abaixo da inflação. Além disso, há outros aspectos que ocorrem e impedem a obtenção de lucros e controle, como apontam os indicadores de pesquisas que são realizadas desde 2017 pelo SPC Brasil e a Confederação de Dirigentes Lojistas (CNDL), ambos com a assistência da CVM, a fim de analisar o bem-estar da população brasileira. (SPC Brasil, 2016; CNDL, 2019).

Esses dados referem-se na ausência de controle por parte dos endividados, ou seja, 64% dos consumidores não sabem lidar com dívidas imprevistas, sendo 26% que reservam o capital de modo incerto, sem planejar quando, quanto, como e onde utilizar, 27% lidam com o receio de não sobrar dinheiro até o final do mês e 9% possuem uma determinada quantia guardada, seja de modo frequente ou sempre. Portanto, conforme ressalta Kawauti, 2016, os aspectos comportamentais influenciam na melhoria das atitudes e perspectivas do consumidor, pois estão ligados a vontade de aplicar a disciplina e modificar as limitações de pagamentos e/ou compras que ocorrem devido ao descontrole organizacional. (KAWAUTI, 2016).

O ato de não planejar é um dos principais motivos da ausência de diversificar, pois quando o indivíduo desconhece os recursos oferecidos por fundos de investimento ou possui conhecimento, mas o medo modifica seu comportamento perante a situação, o

mesmo gera em si os sentimentos de insegurança e incerteza que prejudicam a expansão da carteira de investimentos.

Boyd (2013) apresenta um assunto importante: economia comportamental, pois há estudos no âmbito nacional recentes sobre essas informações.

O Quadro 1 apresenta as perspectivas sobre a Definição de Economia Comportamental:

Quadro 1 – Perspectivas sobre a Definição de Economia Comportamental

| Autores (as) | Definição |
|---------------------------------|---|
| Conforme ÁVILA e BIANCHI, 2014. | A Economia Comportamental surgiu por meio da incorporação de ampliações teóricas e revelações empíricas na área das ciências sociais, como a sociologia, por exemplo. Os pesquisadores iniciaram suas críticas à interpelação econômica tradicional com base na idealização do “homo <i>economicus</i> ” que é definido como um indivíduo que executa decisões de modo racional, focado no interesse privativo e com habilidades plausíveis para processar informações. “A economia tradicional considera que o mercado ou o próprio processo de evolução são capazes de solucionar erros de decisão provenientes de uma racionalidade limitada”. Entretanto, o conceito aplicado sobre essa categoria aponta as decisões das pessoas apoiadas em hábitos, culturas, crenças, fatos ocorridos e critérios de ação facilitados, além de consentirem conclusões convincentes que satisfaçam suas necessidades, procuram por agilidade no processo de tomar decisões, possuem determinadas dificuldades para equilibrar os interesses relacionados ao tempo de duração, seja de curto e/ou longo prazo e são instigadas por aspectos emocionais, além da persuasão adquirida pelo comportamento alheio. |
| De acordo com THALER, 2016. | A Economia Comportamental é um novo ramo da ciência econômica que propõe melhorar os níveis de previsões econômicas por meio da análise comportamental humana com ênfase nos fatores psicológicos e emocionais. Em 2017, o autor do livro recebeu o prêmio Nobel da Economia por contribuir com teorias imprescindíveis para o desenvolvimento do assunto abordado. O comportamento influencia no processo de decisão das pessoas e, para o autor, há dificuldades na resolução de problemas complexos, pois são afetados pelos fatores emocionais, como confiança demasiada em algo ou atitudes impensadas, além dos paradigmas e crenças já instaurados em si próprios. |

Fonte: Elaborado pelos Autores.

Em suma, a economia comportamental é uma disciplina recente aplicada no ramo das ciências e, logo, os economistas que estudam os aspectos comportamentais visam compreender e estruturar as deliberações pessoais e, também, no ramo de atividades trabalhistas através dessa observação a respeito da população. Portanto, considere-se fatores importantes todos aqueles que influenciam as razões psicológicas, sejam conscientes e/ou inconscientes que atingem o ser humano no ato decisório. Destarte, a Economia Comportamental pretende agir de modo mais realista num campo onde o controle das escolhas financeiras tornou-se mais amplo. (ÁVILA E BIANCHI, 2014).

Outro assunto em pauta é sobre a psicologia econômica, assunto relacionado a economia comportamental, pois ambos destacam como principal precursor de escolha o fato do ser humano agir conforme suas emoções.

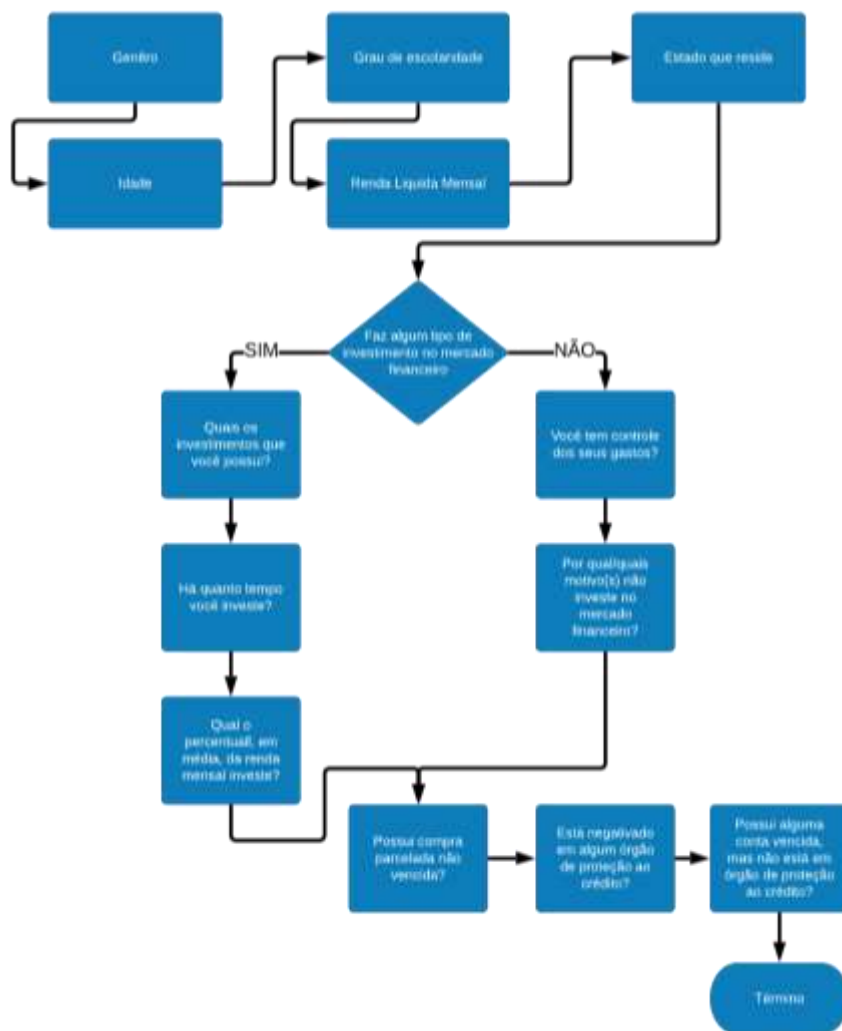
Ferreira *et al*, 2008, ressalta as origens desse novo conteúdo abordado pelos economistas, onde surgiu no século XXI atrelado a área de Finanças Comportamentais. Dessa forma, o assunto é composto por diversas pesquisas, como psicologia do dinheiro, do investimento, das dívidas, do trabalho, do consumidor, entre outras linhas analisadas, com a idealização de coletar dados por intermédio da visualização e estudos dos fatos que ocorrem com frequência na população e/ou questionários aplicados para essa finalidade. (FERREIRA *et al*, 2008).

3. Metodologia

Este trabalho é uma pesquisa exploratória dedutiva. A pesquisa discorre sobre a ausência do ato de investir atualmente no mercado financeiro em relação ao aumento do endividamento na população brasileiro.

Para o desenvolvimento deste artigo foi aplicado um questionário no formato digital entre os dias 20/03/2019 e 17/04/2019, obtendo 380 respostas. O mesmo foi divulgado nas redes sociais dos autores deste artigo, a fim de conhecer o perfil do brasileiro em relação aos seus investimentos e suas dívidas. O questionário é dividido em quatro partes, seguindo o fluxo, conforme a figura 9.

Figura 4 – Fluxograma do questionário aplicado



Fonte: Elaborado pelos Autores.

O questionário foi divulgado nas redes sociais dos autores deste artigo, a fim de conhecer o perfil do brasileiro em relação aos seus investimentos e suas dívidas.

Parte 1 - Informações básicas sobre o entrevistado

1. Gênero,
2. Idade,
3. Grau de escolaridade,
4. Renda líquida mensal,

5. Estado em que o entrevistado reside

6. Se o entrevistado realiza algum tipo de investimento no mercado financeiro.

A resposta da Parte 1. item 6 é condicional para o fluxo estabelecido, caso a resposta seja positiva o fluxo segue para a Parte 2, senão segue para a Parte 3.

Parte 2 - Investimentos no mercado financeiro

1. Opções para selecionar os investimentos que o entrevistado possui

2. Os investimentos apresentados foram baseados no relatório varejo private de dezembro de 2018 da ANBIMA onde são listados os produtos mais negociados no mercado financeiro

3. Há quanto tempo o entrevistado investe

4. Percentual médio que o entrevistado investe da própria renda

Parte 3 - Falta de investimento

1. Questão se o entrevistado tem controle sobre os próprios gastos

2. Lista de motivos do porquê o entrevistado não investe

Parte 4 - Endividamento vs Inadimplência

1. Questão se o entrevistado possui alguma conta parcelada, mas não vencida, esse é o critério adotado para classificar uma pessoa como endividada segundo a economista chefe do SPC Brasil, Marcela Kawauti

2. Questão se o entrevistado está negativado em algum órgão de proteção ao crédito

- Nesse item foi dado como exemplo duas empresas do Brasil a Serasa *Experian* e SPC

3. Questão se o entrevistado possui alguma conta vencida, mas ainda não foi negativado.

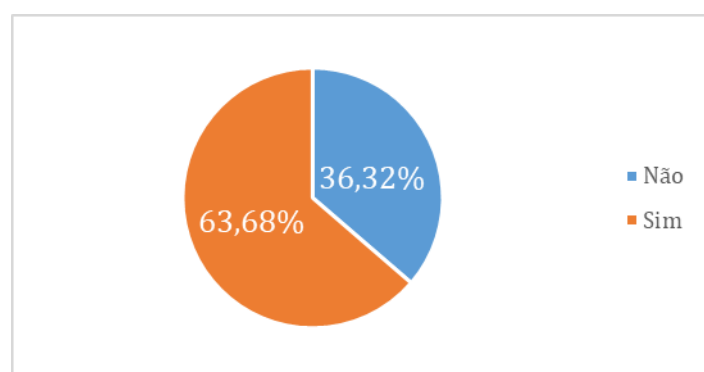
- Esse é o primeiro passo para deixar de ser endividado e se tornar inadimplente.

4. Resultados e discussões

O questionário aplicado, conforme citado, obteve um resultado de 380 respostas de pessoas de 12 Estados brasileiros, o Estado de maior representatividade foi São Paulo com um pouco mais de 90%, as idades variarem entre 16 a 83 anos. 52,2% dos entrevistados são do sexo masculino e 47,8% do sexo feminino.

Dos 380 entrevistados, 242 (63,68%) responderam que realizam algum tipo de investimento no mercado financeiro e 138 (36,32%) responderam que não, conforme apresenta o gráfico 1.

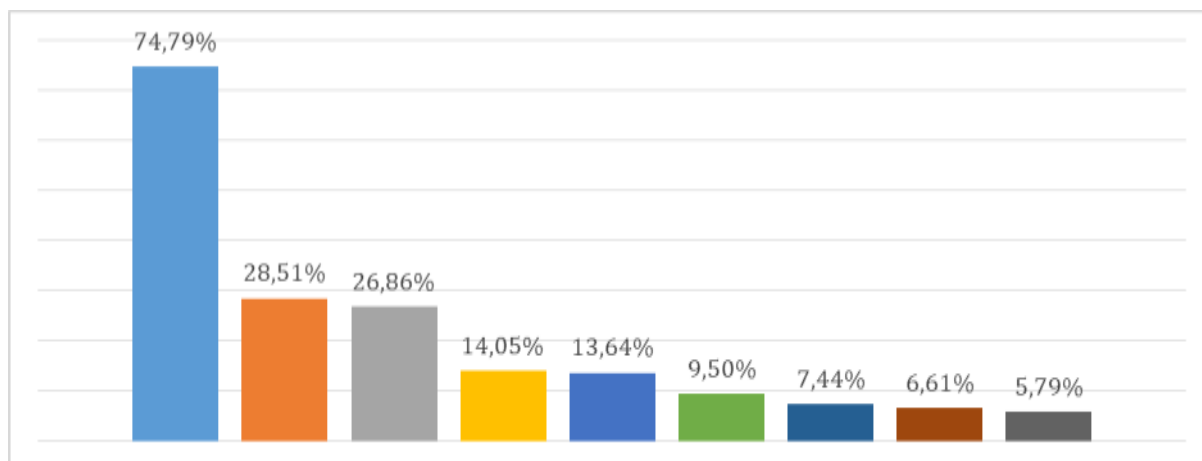
Gráfico 1 – Pessoas que investem no mercado financeiro



Fonte: Dados da Pesquisa.

O resultado do gráfico 2 e tabela 1 referem-se, em percentual, os produtos que os entrevistados obtêm. Neste gráfico são apresentados apenas os resultados daqueles que informaram que realizam algum tipo de investimento. O entrevistado poderia selecionar mais de uma resposta.

Gráfico 2 - Resultado de produtos investidos



Fonte: Dados da Pesquisa.

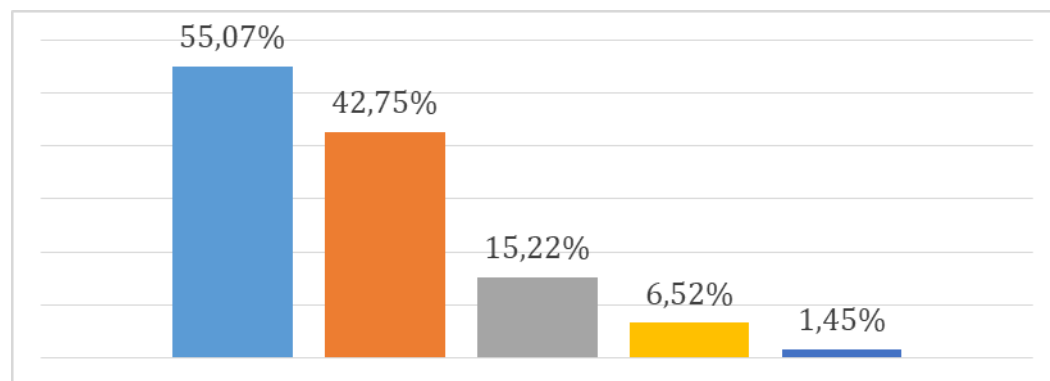
Tabela 1 - Resultado de produtos investidos

| | Produto | % |
|--|---|----------|
| | Poupança | 74,79% |
| | Títulos Privados Renda Fixa (CDB/RDB/LC/LCI/LCA/Debentures) | 28,51% |
| | Títulos Públicos (Tesouro Direto) | 26,86% |
| | Fundos de investimentos em Renda Fixa | 14,05% |
| | Ações | 13,64% |
| | Fundos de investimentos em Renda Variável | 9,50% |
| | Fundos de investimentos em Multimercados | 7,44% |
| | Outros Investimentos | 6,61% |
| | Fundos Imobiliários e/ou ETF | 5,79% |

Fonte: Dados da Pesquisa.

O resultado do gráfico 3 e tabela 2 refere-se, em percentual, aos motivos pelos quais os entrevistados não investem. Neste gráfico são apresentados apenas os entrevistados que responderam que não realizavam nenhum investimento. O entrevistado poderia selecionar mais de uma resposta.

Gráfico 3 - Resultado dos motivos pelos quais o entrevistado não investe



Fonte: Dados da Pesquisa.

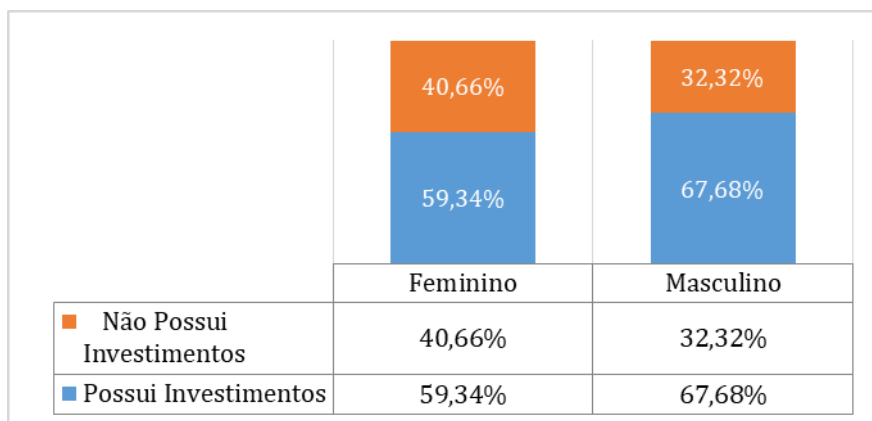
Tabela 2 - Resultado dos motivos pelos quais o entrevistado não investe

| | Produto | % |
|--|---|----------|
| | Não tenho conhecimento suficiente ou tenho medo de investir | 55,07% |
| | Nunca sobra dinheiro no final do mês | 42,75% |
| | Acho investimento uma coisa muito difícil | 15,22% |
| | Aplico o meu dinheiro em outras modalidades, fora do mercado financeiro | 6,52% |
| | Investimento não é prioridade para mim! Prefiro consumir | 1,45% |

Fonte: Dados da Pesquisa.

O resultado do gráfico 4 refere-se, em percentual, a quantidade de entrevistados que investem no mercado financeiro, conforme o gênero. Neste gráfico, a modalidade da poupança está incluída.

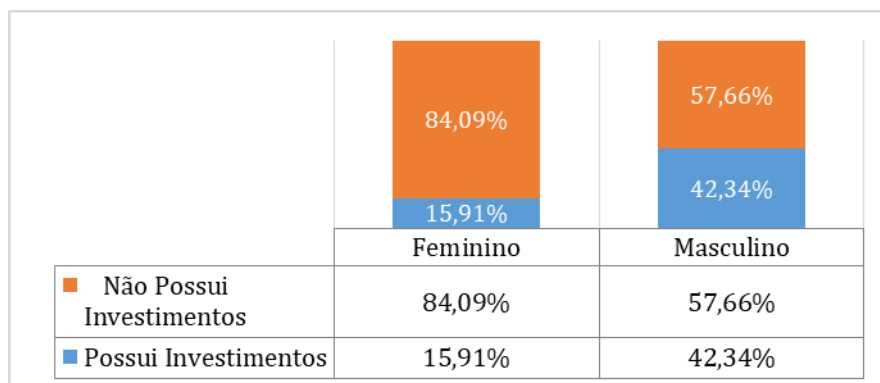
Gráfico 4 – Possui ou não investimentos por gênero considerando a poupança



Fonte: Dados da Pesquisa.

O resultado do gráfico 5 apresenta quais dos entrevistados realizam algum tipo de investimento separado por gênero, desconsiderando o produto financeiro Caderneta de Poupança.

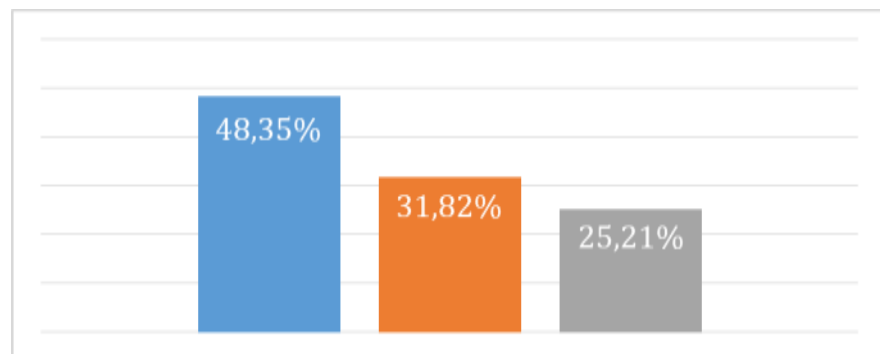
Gráfico 5 - Possui ou não investimentos por gênero desconsiderando a poupança



Fonte: Dados da Pesquisa.

O resultado do gráfico 6 e tabela 3 referem-se aos entrevistados que possuem ou não a modalidade da poupança na carteira de investimentos e quais, somente, investem nessa modalidade.

Gráfico 6 - Produto Poupança como investimento



Fonte: Dados da Pesquisa.

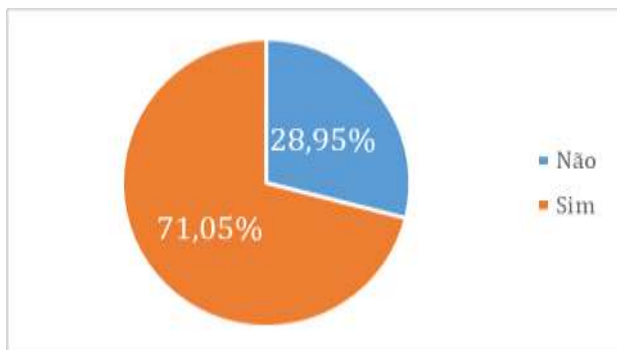
Tabela 3 - Produto Poupança como investimento

| | Produto | % |
|--|--|----------|
| | Só investe na Poupança | 48,35% |
| | Investe em outros produtos e na poupança | 31,82% |
| | Investe no mercado financeiro, mas não investe na poupança | 25,21% |

Fonte: Dados da Pesquisa.

No gráfico 7 é apresentado o resultado sobre o questionamento “Você possui alguma compra parcelada e não vencida?”. Essa questão define se o entrevistado está ou não endividado. Dos 380 entrevistados, 270 (71,05%) responderam que estão endividados e 110 (28,95%) responderam que não.

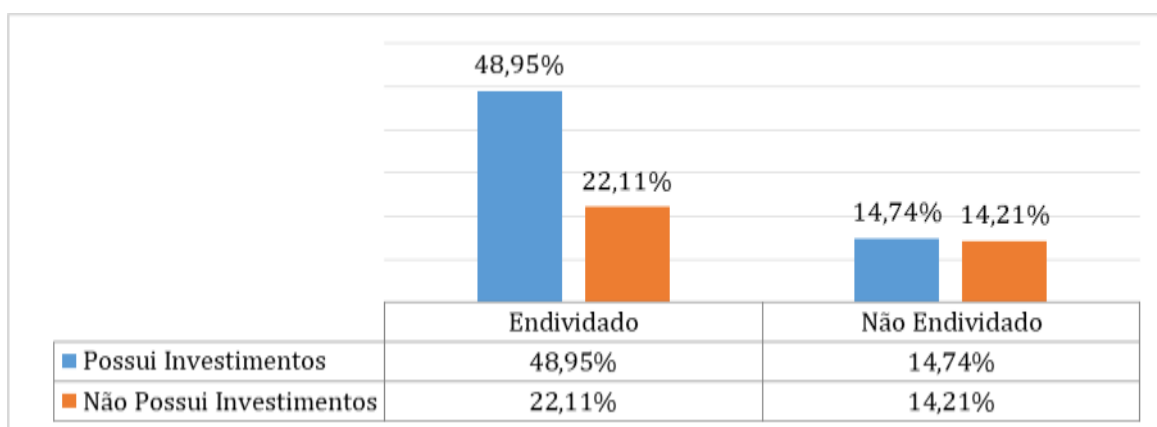
Gráfico 7 – Resultado sobre o endividamento



Fonte: Dados da Pesquisa.

No gráfico 8 é apresentado um comparativo entre os entrevistados que responderam se estão ou não endividados e se eles investem ou não no mercado financeiro. O resultado mostra que dos 71,05% dos que estão endividados, 48,95% realizam investimentos, e que dos 28,95% dos que não estão endividados, 14,21% deles não investem em nenhuma modalidade.

Gráfico 8 – Correlação entre endividamento e investimento.

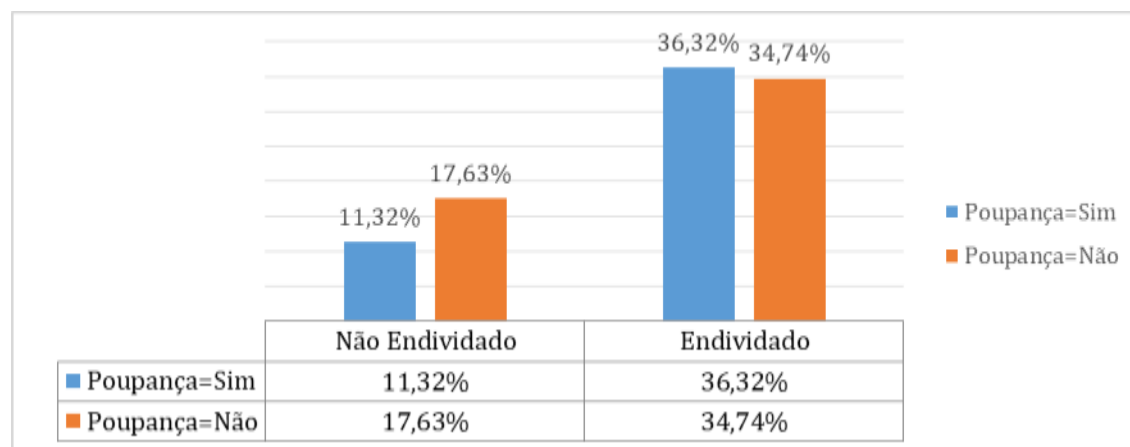


Fonte: Dados da Pesquisa.

No gráfico 9 é apresentado um comparativo entre os entrevistados que responderam que estão ou não endividados e se eles investem ou não na modalidade Caderneta de Poupança. O resultado mostra que dos 71,05% dos que estão endividados, 36,32%

possuem dinheiro na poupança e que 28,95% dos que não estão endividados, 14,21% deles não investem em nenhuma modalidade.

Gráfico 9 – Correlação entre endividamento e a Poupança.



Fonte: Dados da Pesquisa.

Considerações Finais

O objetivo deste trabalho foi analisar a ausência de investidores brasileiros no mercado financeiro e verificar a correlação entre endividamento e investimento. Após a coleta e análise dos dados obtidos por meio de questionário online, os resultados mostram que o brasileiro tem pouco conhecimento sobre o mercado financeiro, considerando um ambiente complicado e de difícil acesso, mas a única modalidade que se destaca é a Caderneta de Poupança, produto de baixa rentabilidade que em muitos casos acaba rendendo menos do que a inflação medida pelo IPCA.

Dos entrevistados que responderam não realizar nenhum investimento, quase 43% deles responderam não sobrar dinheiro no final do mês, o que mostra que 57% possuem verba para investir, mas não o faz por não conhecer esse mercado. Outro aspecto que é apresentado nos resultados é que mais de 70% dos entrevistados encontram-se endividados, sendo esse o primeiro passo para se tornar inadimplente, mas mesmo assim, 36,32% dos endividados guardam dinheiro na Poupança o que mostra também uma falta de conhecimento em relação à rentabilidade deste produto,

pois geralmente os juros cobrados em financiamentos e empréstimos costumam ser bem mais altos do que o rendimento pago pela Poupança.

A limitação deste pesquisa foi a realização do questionário para regiões fora do Estado de São Paulo, local onde residem os autores, a aplicação do mesmo em todas as unidades federativas, de forma mais homogênea, dará uma visão melhor por região de como está a saúde financeira do brasileiro e seu conhecimento no mercado financeiro.

Referências

ANBIMA, **Estatísticas de Varejo, Dezembro 2018**. Disponível em:

<http://www.anbima.com.br/pt_br/informar/estatisticas/varejo-private-e-gestores-de-patrimonio/varejo-consolidado-mensal.htm> Acesso em: 16/03/2019.

ÁVILA, Flávia; BIANCHI, A.M. **O que é? - Economia Comportamental**. 2014.

Disponível em:<<http://www.economiacomportamental.org/o-que-e/>> Acesso em: 15/06/2020.

ÁVILA, Leandro. **Poupança x Inflação: Simulação, Gráficos e Planilha**. 2016.

Disponível em: <<https://www.clubedospoupadores.com/poupanca/inflacao-poupanca-simulacao.html>> Acesso em 20/04/2019.

B3, **Quadro de investidores pessoa física**. 2019. Disponível em:

<http://www.bmfbovespa.com.br/pt_br/servicos/market-data/consultas/historico-pessoas-fisicas/> Acesso em 16/03/2019.

BCB, **Estrutura do Sistema Financeiro Nacional**, Maio 2020 Disponível em:

<<https://www.bcb.gov.br/pre/composicao/composicao.asp?frame=1>> Acesso em 20/05/2019.

BONOMO, Brunno; MAINARDES, Emerson Wagner; LAURETT, Rozelia. Compra não Planejada e Endividamento Pessoal: Uma Análise de Relação. **Revista**

Administração em Diálogo - RAD, [S.l.], v. 19, n. 3, p. 49-69, ago. 2017. ISSN 2178-

0080. Disponível em: <<https://doi.org/10.23925/2178-0080.2017v19i3.32758>>. Acesso em: 15/06/2020.

BOYD. B.M.M. **Aversão à Perda e Efeito Doação**. 2013. PUC-RJ: Departamento de Economia, Rio de Janeiro. Disponível em <[http://www.econ.puc-rio.br/uploads/adm/trabalhos/files/Bruna Monteiro de Mattos Boyd.pdf](http://www.econ.puc-rio.br/uploads/adm/trabalhos/files/Bruna_Monteiro_de_Mattos_Boyd.pdf)> Acesso em: 15/06/2020.

CETIP. **Renda Fixa e sua Importância Econômica**. 2012. Disponível em: <<https://www.cetip.com.br/renda-fixa/o-que-e-renda-fixa>>. Acesso em: 27/04/2019.

CNC. **O Perfil de Endividamento das Famílias Brasileiras em 2017**. 2017. Disponível em: <http://cnc.org.br/sites/default/files/arquivos/perfil_de_endividamento_das_familias_brasileiras_em_2017.pdf> Acesso em: 15/06/2020.

CNC. **Percentual de Famílias Endividadas cai para 60,8% em Fevereiro**. 2016. Disponível em: <<http://cnc.org.br/editorias/economia/noticias/percentual-de-familias-endividadas-cai-para-608-em-fevereiro-0>> Acesso em: 15/06/2020.

CNDL. **Maioria dos brasileiros vive no limite do orçamento, aponta indicador do bem-estar financeiro CNDL/SPC Brasil**. 2019. Disponível em: <<http://site.cndl.org.br/maioria-dos-brasileiros-vive-no-limite-do-orcamento-aponta-indicador-de-bem-estar-financeiro-cndlspc-brasil-2/>>. Acesso em: 28/04/2019.

CNDL. **Somente 9% dos brasileiros conseguem pagar despesas no início do ano com o que recebem , mostra levantamento da CNDL/SPC Brasil**. 2019. Disponível em: <<http://site.cndl.org.br/somente-9-dos-brasileiros-conseguem-pagar-despesas-de-inicio-de-ano-com-o-que-recebem-mostra-levantamento-da-cndlspc-brasil-2/>>. Acesso em: 28/04/2019.

FECOMERCIO-SP. **Pesquisa mostra mais uso da poupança para complementar orçamento doméstico**. Disponível em: <<https://www.fecomercio.com.br/noticia/pesquisa-mostra-mais-uso-da-poupanca-para-complementar-orcamento-domestico>>. Acesso em: 21/06/2020.

FERNANDES, Gide José, **Mercado Financeiro: o que é, como funciona e tipos de investimentos**. 2018. Disponível em: <<https://fia.com.br/blog/mercado-financeiro/>> Acesso em 16/04/2019.

FERREIRA, J.K.F.S. *et al.* **A Aplicação de Finanças Comportamentais no Processo de Tomada de Decisão dos Investidores no Mercado de Capitais**. II Seminário UFPE de Ciências Contábeis. 2008. Disponível em: <https://www.academia.edu/16895420/A_APLICA%C3%87%C3%83O_DAS_FINAN%C3%87AS_COMPORAMENTAIS_NO_PROCESSO_DE_TOMADA_DE_DECIS%C3%83O_DOS_INVESTIDORES_NO_MERCADO_DE_CAPITAIS> Acesso em: 15/06/2020.

KAWAUTI, Marcela. **SPC Brasil – o conceito do endividamento e as consequências da inadimplência**. 2016. Disponível em: <https://www.spcbrasil.org.br/uploads/st_imprensa/analise_educacao_financeira_divida_s.pdf> Acesso em: 15/06/2020.

KERR, Roberto. **Mercado Financeiro e de Capitais**. Ed.: São Paulo: Pearson, 2011.

LADEIRA, Wagner Junior. **Estilos de Tomada de Decisão: uma Investigação em Gerações Diferentes**. 2010. In Revista de Administração da UNIMEP. Jan/Abr/2010, v. 8, n.3. Disponível em: <<http://www.raunimep.com.br/ojs/index.php/rau/article/view/277/448>>. Acesso em: 15/06/2020.

SPC BRASIL. **Poupança ainda é o investimento mais utilizado pelos brasileiros, mostra SPC Brasil**. 2016. Disponível em: <<https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/pesquisa/1272>>. Acesso em: 21/06/2020.

STUMPF, Kleber. **Principais Causas do Endividamento das Famílias**. 2019. Disponível em: <<https://www.topinvest.com.br/principais-causas-do-endividamento-das-familias/>> Acesso em: 21/05/2020.

THALER. Richard. ***Behavioral Economics: Past, Present and Future***. 2016. In *American Economic Review* 2016, 106(7): 1577–1600. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1257/aer.106.7.1577>> Acesso em: 15/06/2020.